



Sociedade de Geografia de Lisboa



**O GARB EXTREMO DO ANDALUZ
E O «BORTUQAL»
NOS HISTORIADORES E
GEÓGRAFOS ÁRABES**

José D Garcia Domingues

O GARB EXTREMO DO ANDALUZ E «BORTUQAL» NOS HISTORIADORES E GEÓGRAFOS ÁRABES

JOSE D. GARCIA DOMINGUES
Da Sociedade de Geografia de Lisboa
Bolsista do Instituto de Alta Cultura
para Investigações de História Luso-Árabe

INTRODUÇÃO

É nossa intenção fazer a reconstituição histórica da civilização islâmica medieval no nosso território.

Uma tal empresa envolve, necessariamente, a história política do Garb Extremo do Andaluz⁽¹⁾, do século VIII ao XIII e, depois, a da sociedade, nos seus aspectos religioso, cultural, político e económico, distinguindo-se, na cultura, as letras, as ciências e as artes.

Antes, porém, de iniciarmos a história política do Garb Extremo do Andaluz julgamos de obrigação proceder a um estudo do aspecto geográfico do território em que essa história se desenrolou.

Para se compreender o desenvolvimento dos acontecimentos políticos, culturais e económicos, precisamos de uma imagem nítida do que era o território do Garb Extremo considerado nas suas perspectivas topográfica, urbanística, demográfica, religiosa, cultural, política e económica.

Uma obra de tal envergadura não poderá ser levada a efeito senão com a utilização das fontes árabes e cristãs.

Atendendo, porém, à fraca contribuição que as fontes cristãs nos poderão dar para a reconstituição da vida do Garb Extremo, consideraremos, aqui, quase exclusivamente, as fontes árabes, reservando-nos, para mais tarde, o estudo de conjunto.

Para facilidade de compreensão e expressão demos a este trabalho o título de «O Garb Extremo do Andaluz e «Bortuqal» nos historiadores e geógrafos árabes».

(1) Entendemos, aqui, por Garb Extremo do Andaluz o território entre o Guadiana e o Mondego, incluindo-se nele, além do Algarve e do Alentejo, a Beira Baixa, a Extremadura e o Ribatejo.

Em boa verdade, trata-se de um estudo do aspecto geográfico do Garb Extremo e de «Bortuqa» (Portugal) nos historiadores e geógrafos árabes, em que se dá principal relevo à zona do Garb Extremo.

Como veremos, as referências à zona de Portugal nos historiadores e geógrafos árabes são puramente acidentais.

Vem a propósito, aqui, evocar o que foram a história e a geografia dos árabes na Idade Média.

I

A HISTÓRIA ÁRABE

A história árabe tem as suas origens naquelas narrativas heróicas que à noite se faziam nos acampamentos, em volta da fogueira e em que eram evocadas as lutas travadas entre as diversas tribos árabes cujos méritos se exaltavam.

Desses «Ayyâm al-Arab» ou Gestas dos Árabes, encontramos importantes extractos na obra do historiador árabe de Baçorá Abu Ubaida que viveu nos séculos VIII e IX.

No entanto, a história árabe não começou, verdadeiramente a constituir-se senão depois da morte de Mafoma e em volta da vida e feitos desta.

Nos séculos VIII e IX, Ibn Ishaq, Ibn Hixâm e Wâquidi dedicaram-se a redigir biografias do Profeta, mais tarde, da maior utilidade.

Entretanto, formavam-se as escolas históricas da Síria e do Iraque. A época de esplendor da história árabe é assinalada pelos nomes de Ibn Qutaiba, Dinawari, Yacubi, Baladhuri, Tabari e Ibne Alathir, aqueles dos séculos IX e X, este, já dos séculos XII e XIII.

São autores de histórias universais em que, pela primeira vez, os árabes aparecem integrados numa grande corrente mundial que começa com os patriarcas hebreus e prossegue com os cristãos e persas sassânidas. Ibne Qutaiba é autor de um «Livro dos Conhecimentos», verdadeira enciclopédia da história mundial; a Baladhuri deve-se uma das melhores monografias da expansão árabe; Tabari escreveu uns «Anais» em 130 volumes de que só restam 13; de Ibn Alathir é o «Livro Perfêito», história mundial cuja parte relativa à Hispânia foi traduzida e editada por Fagnan.

Esta história árabe, mesmo no seu período de esplendor, está muito longe daquilo que nós hoje entendemos por «história» pois lhe falta, na maior parte dos casos, um critério científico rigoroso.

Os autores acumulam tradições sobre tradições, testemunhos sobre testemunhos, muitas vezes sem citar a origem das suas informações e numa verdadeira amálgama. Por outro lado, não raras vezes, omitem o que não convém ao prestígio do Islamismo ou aos interesses da dinastia no poder. Têm, no entanto, um interesse incontestável. É que mantêm o estilo directo da proveniência oral e

apresentam os acontecimentos com toda a vida e os mais pequenos pormenores que, muitas vezes, os explicam. É uma história variada, frequentemente um tanto anedótica, cheia, no entanto, de movimento e acção, a que o carácter de realidade e de verdade, não falta, embora careça, muitas vezes, de boa ordenação e crítica.

A história árabe nunca se teria porém, elevado muito alto se não tivesse produzido, já nos fins da Idade Média, séculos XIV e XV, essa gigantesca figura conhecida pelo nome de Ibn Khaldun, historiador e filósofo, nascido em Tunísia, mas de proveniência andaluza, sevilhana.

Ibn Khaldun é o autor da «História dos Berberes» em que nos narra os grandes acontecimentos históricos do Norte de África e do Andaluz que percorreu em várias direcções, colhendo, em toda a parte, elementos para o seu monumental trabalho.

A «História dos Berberes» constitui uma importante obra histórica não só pela abundância e riqueza de informação, como pela crítica severa a que o autor submete todas as suas fontes e ainda pela boa ordenação dos factos que são apresentados, muitas vezes, atendendo-se às suas causas e às suas consequências, convencido, como está, o autor de que na história há leis e de que os acontecimentos não se desenrolam ao acaso, mas segundo princípios e forças determináveis.

Ibn Khaldun não é apenas um historiador poderoso e sério, é, ao mesmo tempo, um filósofo da história, sem dúvida, o maior filósofo da história de toda a Idade Média e um dos maiores da história da Humanidade.

A sua «História dos Berberes» encontra-se precedida dos famosos «Prolegómenos» em que expõe toda a sua teoria da história.

Para avaliarmos da profundidade e modernidade das suas concepções transcreveremos a sua definição do objectivo da história:

«A História tem por fim permitir-nos compreender o estado social do homem, isto é, a civilização, e dar-nos a conhecer os fenómenos que se lhe ligam naturalmente, a saber, a vida selvagem, a moralização dos costumes, o espírito de família e de tribo, as diferenças de superioridade que os povos obtêm uns em relação aos outros e que levam aos surtos dos impérios e das dinastias, as distinções de categoria, as ocupações a que os homens consagram os seus esforços, tais como as profissões lucrativas, os ofícios que fazem viver, as ciências, as artes, enfim, todas as mudanças que a natureza das coisas pode operar no carácter da sociedade» (1).

Dir-se-ia um discípulo de Spengler ou de Levy-Bruhl doutorando-se numa faculdade de Ciências Sociais. Os termos com que se exprimiu causam ainda hoje impressão.

Com Ibn Khaldun a história árabe atinge o acume.

(1) Ibn Khaldun — Prolegómenos — Trad. de Siano, 2.ª Ed. 1937/8, 1.ª Vol. pág. 71.

A partir de então, não deixou de decair, de forma quase vertiginosa. Entrou-se nos séculos obscuros do Islamismo e na decadência manifesta. Ainda assim, será justo lembrar que nos séculos XVIII e XIX, a história árabe teve duas ilustres figuras nos historiadores marroquinos Az-Zāyyani e As-Siāwi, este último, autor do muito célebre «Kitab al-Istiḡsā» uma valiosa história geral de Marrocos.

O facto é tanto mais de recordar quanto o nosso vizinho Império de Marrocos, parece estar vivendo nesta hora, um talvez muito significativo renascimento político e intelectual.

A história no Andaluz

Julgamos a propósito uma pequena referência aos historiadores árabes do Andaluz e do nosso Garb.

O Andaluz não produziu grandes historiadores da história geral e política. Apesar disso podemos citar os nomes de Ar-Razi, de Ibn Al-Qutiya, de Ibn Hayan e de Ibn Al-Khat:ib que neste domínio se distinguiram.

A história andaluza atingiu, porém, o mais alto brilho na biografia, na história literária, na história religiosa e na monografia.

Príncipe dos biógrafos andaluzes foi Ibn Alabar, autor da «Tekmilā», continuação da «As:-S:ilā» de Ibn Baskuwal (Pascoal) que já o era do dicionário biográfico de Ibn Al-Faradī.

Na história literária distinguiu-se Ibn Khāqān de Córdova, autor do «Qalā'id Al-'Iqyān» (Colares de Ouro), obra célebre pela elegância da sua prosa rimada.

Ibne Hazm escreveu uma «História Crítica das Religiões, Seitas e Escolas» peça mestra, no género, em qualquer época.

Para a reconstituição da história política e literária do Andaluz muito vieram a contribuir os historiadores marroquinos dos almorávidas e dos almóadas: Abd'Al-Wah:īd Al-Marracuxi, Ibn Idhari, autor de «Bayan al-Mugrib», Ibn Abi Zara a quem se atribui o «Cartaz» e Al-Maqqari, autor do «Nafh: at:-T:ib» editado por Dozy e outros e conhecido pela rubrica francesa de «Analectes».

A história no Garb

A história na zona do Garb hoje português contou com um notável historiador da história política, Ibn Sāhib As-Salā, de Beja, autor de uma «História dos Almuridas» e de uma «História dos Almóadas».

A «História dos Almuridas» perdeu-se, mas, da «História dos Almóadas» há na Biblioteca Bodleiana, de Oxford, um manuscrito. Infelizmente, este mesmo trabalho não está completo. Começa por alturas da revolta de Ibn Mardanis.

David Lopes utilizou-o tanto nas suas correcções a Herculano, como no seu Giraldo.

No entanto, não há ainda uma edição completa desta obra e, muito menos, uma tradução completa.

Iniciámos já as diligências para se obter um microfilme do manuscrito de Oxford desta obra, mas infelizmente, até agora, sem resultado, apesar de terem entrado em acção altas influências. Surgem dificuldades de identificação.

Também se distinguiram como historiadores, no Garb hoje português, Mohá-me Ibn Mozain, de Silves, e Mohámed Ibn Iussuf, da mesma cidade. Aquele escreveu uma «História do Andaluz» de que se conhecem trechos, este, uma «História de Abádidas», infelizmente perdida.

Mohámed Ibn Mozain era dos Banu Mozain de Silves, a quem Al-Mo'tad'id conquistou esta cidade, nos meados do século XI.

Grande historiador da literatura, da zona portuguesa, foi Ibn Bassam, de Santarém, autor da «Adh-Dhakhira fi mahassan ahli al-Andalus» (Colecção das obras primas da gente do Andaluz).

Ibn Bassam é talvez, maior figura, na história literária do Andaluz, do que Ibn Khâqân de Córdova, pois a sua documentação parece muito mais valiosa, embora o estilo literário de Ibn Khâqân supere o seu.

A obra de Ibn Bassam encontra-se dispersa por várias bibliotecas da Europa, África e Oriente.

Levi Provençal começou a sua edição completa no Cairo. Por infelicidade surgiram desentendimentos entre ele e o editor e assim, não temos hoje dessa edição senão os tomos 1.º e 2.º do 1.º volume e o 1.º do 4.º.

Desta obra tem especial importância para nós o 2.º volume de que há exemplares em Oxford e em Paris. Nele se contém as mais notáveis poesias dos poetas da zona hoje portuguesa. Esperamos fazer um dia a sua edição.

II

A GEOGRAFIA ÁRABE

Desde os tempos antigos que os árabes se tinham interessado pela geografia. No entanto nesses tempos, as suas preocupações não ultrapassavam o Mediterrâneo Oriental, Mar Vermelho e Índico, sucessores como foram, na navegação nas costas da sua península, dos fenícios. Depois de Maomé e da expansão islâmica, os árabes tomaram contacto, na Síria, com a cultura grega e cedo adoptaram o termo grego «geografia» que transliteraram «Jagrafia».

Nessa altura já existiam numerosas traduções da geografia de Ptolomeu para o hebraico e siríaco e foi através dessas traduções que primeiro conheceram o grande geógrafo grego.

Em breve, porém, a transferência da capital do Califado, de Damasco para Bagdade, determinava um importante surto científico altamente benéfico para a sua ciência geográfica.

Foi verdadeiramente, em Bagdade que se formou a geografia árabe sob o impulso do grande califa Al-Ma'mun e sob a triplice influência da ciência grega, da persa e da hindu.

A razão de ordem prática que levou à constituição desta ciência foi sem dúvida, a necessidade de se possuírem informações rigorosas sobre os países conquistados e sobre os itinerários, não só para o envio de missões militares, mas também para se manter correspondência com as diferentes regiões e se poder receber regularmente os impostos.

Na época de Al-Ma'mun, surgiu, em Bagdade, o sábio extraordinário Mussa ben Mussa Al-Huwarismi, ao mesmo tempo matemático, cosmógrafo e geógrafo, introdutor dos algarismos, fomentador da álgebra e continuador de Ptolomeu.

À mesma época pertenceu Ahmede ben Mohâmede Al-Fargâni (Alfraganius) astrónomo famoso, autor do «Livro dos movimentos celestes e ciência completa das estrelas».

Algum tempo depois, esta alta ciência oriental seria enriquecida com os nomes e obras de Al-Batani (Albategnius) e de Al-Bîrun (Aliboron) que levaram a ciência matemática, astronómica e cosmográfica oriental ao maior fastígio.

Entretanto, sob o influxo desta elevada especulação científica, surgia em Bagdade, a geografia descritiva.

No tempo do califa Al-Ma'mun e por sua ordem, se procedeu à medida do grau do círculo máximo da terra e se construiu o primeiro grande mapa do mundo dos árabes.

Mas, ao lado disto, começaram a aparecer a literatura geográfica e a cartografia árabes.

Entendemos por literatura geográfica os famosos relatos de viagens célebres, como a de Soleimão o Mercador, à China, por mar. Essa literatura havia de servir para os tratados descritivos como o de Ibn Khordadhbeh que tomou o título, depois tão vulgarizado, de «Kitâb Al-Massâlik wa Al-Mamâlik» (Livro dos Caminhos e dos Reinos).

A partir de então, os árabes acrescentaram a China e a Sibéria aos conhecimentos do mundo antigo, atingindo as Terras de Gog e Magog.

Os seus mapas obedecem, no entanto, ainda, aos critérios de Ptolomeu, apenas havendo a acrescentar que tornam o mundo mais extenso.

O primeiro período de esplendor da geografia árabe é o definido, cerca do ano de 1000, por nomes de sábios como Balkhi, Yacubi, Is:t:akhri, Ibn H:aukal e Al-Massudi.

Ao mesmo tempo que a geografia descritiva chega a uma extraordinária riqueza de informação e pormenor (Al-Massudi é considerado, por isso mesmo,

o Plínio árabe), a cartografia desce muito abaixo de Ptolomeu, utilizando os cartógrafos desenhos esquemáticos e figuras geométricas para representar os países e os acidentes geográficos.

É o caso dos mapas de Ist:takhri bem elucidativos deste processo. Estamos precisamente na época dos Mapas do Islão.

Uma época à parte pode ser considerada a de Edrissi que trabalhando em Palermo, às ordens dos reis normandos da Sicília, não só elaborou a sua monumental geografia, mas um gigantesco mapa em que representou todo o mundo então conhecido, da China ao Magreb, do Andaluz à Índia, de Zanzibar à Terra dos Russ (1).

Edrissi é do século XII. Nos séculos seguintes surgiram os criadores de dicionários geográficos e enciclopédias: Yaqut, Qazwini, Abu'l-Fida.

Por essa altura vulgarizaram-se as peregrinações a Meca e começaram a aparecer as relações de viagens. Foram célebres as de Ibn Arabi, Ibn Jubair, Abdari e Ibn Al-Khât:ib, todos andaluzes.

É nesta sequência que nos surge o extraordinário tangerino Ibn Batuta, um dos mais famosos viajantes de todos os tempos que, por várias vezes, cruzou o mundo então conhecido, em viagens aventurosas.

A última grande figura da geografia árabe foi, sem dúvida, Al-Hassan Ibn Moh:âmed Al-Garnâti (1495-1550), conhecido, entre nós, por Leão Africano. Esteve em Roma e gozou da protecção do Papa Leão X. Deixou-nos a «Descriptione dell'Africa e dele cose notabili che quivi sono» escrita em 1526.

Não é agora, sem dúvida, a altura de se fazer o estudo crítico ou o elogio da geografia dos árabes.

Isto poderá um dia, constituir tema de um outro trabalho. O que podemos afirmar no final desta resenha é que a geografia árabe se elevou progressivamente até vir a fornecer aos nautas dos descobrimentos marítimos do século XV, os melhores e mais preciosos elementos.

No que diz respeito à cartografia importa registar que depois de Edrissi que já representa um notável progresso na ublicação das costas marítimas do Mediterrâneo, Abu'l-Hassan, autor de um famoso tratado de astronomia, dá numericamente, a posição de 131 cidades com tanta perfeição que tornou possível o desenho de um mapa do Mediterrâneo em que os erros em relação à realidade hoje conhecida são quase desprezíveis. Se compararmos o mapa de Ptolomeu com o de Abu'l-Hassan (séc. XIV), temos de reconhecer que com os árabes a geografia deu um salto gigantesco que a trouxe quase até à posição da actualidade.

A esferecidade da Terra era para os árabes ponto assente e não faltaram autores árabes que admitiram a existência de um continente no local da América.

(1) Este mapa foi publicado em «Monumenta Cartographica Africae et Aegyptiae» de Yousouf Kamal — 1934 — Cairo — Tomo 3.º, Fasc. IV, pág. 867.

Na geografia, como na matemática, como na química, como na filosofia, a ciência árabe medieval foi na verdade, o elo de ligação entre a ciência grega, de tão nobres tradições, e a moderna, não apenas no sentido de que transmitiu a ciência grega, mas ainda no de que trouxe o saber do nível em que os gregos o deixaram até àquele em que foi possível elaborar a ciência moderna.

A geografia árabe do Andaluz não teve grande importância ou significado. Na zona espanhola distinguiram-se apenas os já referidos autores de roteiros. Na zona hoje portuguesa não conhecemos qualquer geógrafo árabe de mérito. Ibn As-Sid, dado como de Silves, ocupou-se de problemas de cosmografia, mas nas suas concepções, mais filosóficas que científicas, não foi muito além do que se encontra em Ptolomeu ou nos neo-platónicos.

III

FONTES PARA A DESCRIÇÃO GEOGRÁFICA DO GARB EXTREMO DO ANDALUZ E DE «BORTUQAL»

As fontes de que nos vamos servir para a reconstituição do panorama geográfico do território do Garb Extremo do Andaluz e de «Bortuqal» são essencialmente, as seguintes:

- 1.º) o historiador *Ahmed Ar-Râzi* na parte da sua obra que diz respeito à descrição geográfica do Andaluz;
- 2.º) o geógrafo *Al-Bakri*, citado por *Al-H:imyari*;
- 3.º) o geógrafo *Edrissi*, autor de uma famosa geografia (*Kitâb Rujâri*);
- 4.º) o historiador e geógrafo *Al-H:imyari* que se serviu de fontes diversas;
- 5.º) o grande geógrafo oriental *Yâqût*, autor do «*Mu'jam Al-Buldân*»;
- 6.º) *Al-Qazwîni*, historiador e geógrafo oriental;
- 7.º) *Ad-Dimarqî*, o damasquenho;
- 8.º) *Abu'l-Fida*, autor de um «*Taqwin Al-Buldân*»;
- 9.º) *Al-Maqqari*, historiador marroquino do século XVI;
- 10.º) geógrafos orientais como *Al-Is:t:akri* e *Ibn H:auqal* e historiadores ocidentais do Andaluz e do Magreb, como *Ibn Alabar*, *Abd'Al-Wah:îd*, *Ibn Idhari*, etc., que nos fornecem elementos subsidiários;

Dos autores cujos textos constituíram base do nosso trabalho vamos dar algumas notas biobibliográficas.

Ahmed Ibn Mohâmed Ar-Râzi

A mais antiga fonte ocidental de que dispomos para o território do Garb Extremo do Andaluz e de «Bortuqal» descritos pelos árabes é *Ahmed Ibn*

Moh:âmed Ar-Râzi, na sua «Tarikha Mulûki Al-Andalus» (História dos Reis do Andaluz).

O nome de Ar-Râzi tornou-se célebre no Oriente. Com este nome se distinguiu na Pérsia, um notável historiador, cientista e filósofo de Ray.

Um membro desta família oriental, Moh:âmed Ibn Mussa Ar-Râzi, dirigiu-se no século IX para o Andaluz onde o receberam muito bem. Comerciante e diplomata, prestou serviços a 'Abd' Ar-Rah:man II e distinguiu-se também, como escritor pois foi autor de um «Kitâb Ar-Râyât» (Livro das Bandeiras) de que fala o príncipe historiador Moh:âmed Ibn Mozain de Silves.

Um filho dele, Ah:med Ibn Moh:âmed Ar-Râzi é o autor a que nos referimos do livro que vamos utilizar.

Ah:med teve um filho, Issá, continuador da História do pai até ao seu tempo. Temos, assim, que houve no Andaluz, três Ar-Râzis notáveis como historiadores.

Deles só, neste momento, nos interessa Ah:med.

O texto árabe da obra de Ah:med Ar-Râzi está perdido. São porém, muito numerosas as citações que dessa obra foram feitas por outros autores árabes.

Levi Provençal dedicou-se ao trabalho beneditino de juntar todas as peças existentes da parte geográfica para com elas constituir como que um mosaico de conjunto bastante incompleto embora.

No que se refere à sua parte geográfica, a obra existe, no entanto, na sua tradução portuguesa. Foi traduzida para o português, no tempo de D. Dinis, por Frei Gil Peres e Mestre Mafamede Alarife.

Uma versão sua foi, mais tarde, integrada na «Crónica Geral de Espanha de 1344» da qual passou às versões espanholas.

Uma remodelação dessa versão figura na «Crónica Geral de Espanha», manuscrito português, iluminado, do século XV que se encontra na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa.

André de Resende, o erudito humanista de Évora, transcreveu alguns passos da crónica, tirados das versões espanholas.

Últimamente o Dr. Lindley Cintra pôde reconstituir o texto português e Levi Provençal publicou em «Al-Andaluz», em 1953, uma reconstituição do texto árabe à base das suas informações arábicas, mas tendo já em conta a lição da tradução portuguesa.

Levi Provençal preparava uma obra monumental neste sentido em que apareceriam o texto árabe e as diversas traduções portuguesas e castelhanas, assim como uma tradução, sua, em espanhol.

Possuímos, portanto, hoje, uma versão bastante exacta da parte geográfica da «Crónica do Mouro Rasis» título com que o documento foi durante muito tempo conhecido entre os cristãos.

Temos em nosso poder uma versão portuguesa da reconstituição de Levi Provençal que nos parece mais científica e exacta do que a versão portuguesa conhecida em que nos surgem erros do tradutor medieval.

Abu 'Ubaid Al-Bakri

Abu 'Ubaid Al-Bakri é um escritor ocidental do século XI, autor de um famoso «Kitab al-Masâlik wa'l Mamâlik» (Livro dos Caminhos e dos Reinos).

A parte da sua obra relativa ao Norte da África foi editada por De Slane e traduzida por De Slane e Fagnan. A parte relativa ao Andaluz esteve perdida. Reencontrou-a em alguns cadernos, Levi Provençal. No entanto, o que existe não permite uma reconstituição completa.

Surge, em longas transcrições, na obra de Al-H:imyari de que adiante falaremos.

Sabe-se que Al-Bakri se serviu de fontes que nem sempre cita. São elas: Abu'l-Abbás Ah:med Ibn 'Umar Ibn Anas Al-'Udri (de quem fala Caswini) no seu «Nizâm al-marjân fi'l-mamâlik wa'l masâlik» e o judeu Ibrahim Ibn Ya'qub At-Turtuxi.

Moh:âmed Ibn Abd'Allah Ibn Edris

Edrissi é o famoso xerife (da família de Mafoma) parente dos reis da primeira dinastia magrebina.

Abu Abd'Allah Moh:âmed Ibn Abd'Allah Ibn Edris, também conhecido por Al-Hamudi, (parente dos Hamudis príncipes de Málaga), Al-Qurtubi, (porque foi educado em Córdoba), Al-Siquili (porque viveu na Sicília) deixou o seu nome ligado a uma das maiores obras geográficas da Idade Média.

Nasceu em Ceuta, em 1100, estudou em Córdoba e passou a maior parte da sua vida ao serviço dos reis normandos da Sicília, Rogério II e Guilherme I. Edrissi não foi apenas o autor do famoso tratado geográfico mais tarde por ele mesmo ampliado. Deve-se-lhe também, um famoso mapa mundial, desenhado em 1154, sobre uma mesa de prata.

Este mapa teve algumas particularidades importantes. Nele se põe de parte o esquematismo dos anteriores Atlas do Islão e, se bem que se não volte ao sistema de Ptolomeu, utilizando latitudes e longitudes, dá-se uma situação dos lugares muito mais exacta, indicando-se, por vezes, graus e empregando-se uma espécie de coordenadas determinadas pelas intercepções de sete climas na orientação dos paralelos, com dez linhas perpendiculares às destes a servirem de meridianos. A Terra ficava assim dividida em 70 partes.

Perdeu-se o mapa grande de Edrissi. Ele pôde, no entanto, ser reconstituído pelos 70 mapas pequenos que subsistiram.

A obra de Edrissi que aqui utilizamos é o «Nuhzat al-mustâq fi iktirâq al-afâq» (Prazer do que está possuído pelo desejo de abrir horizontes). Esta obra teve, no século XVII, uma versão latina com o esquisito título de «Geographia Nubiensis» dos padres maronitas Gabriel Sionita e Johanes Hesronita, intérpretes na corte de França.

Não há, ainda hoje, nenhuma edição completa do texto, mas apenas edições parciais.

A melhor, referente à África e ao Andaluz parece-nos ser a de Dozy e De Goeje (Leide, 1866), acompanhada de tradução. Como se sabe, a tradução de Jaubert, de 1836, é muito inferior.

Há ainda traduções parciais espanholas, italianas, alemãs, suecas, finlandesas e portuguesas.

Fizemos uma tradução portuguesa da parte relativa ao nosso território, de harmonia com a melhor edição estrangeira.

Moh:âmed Ibn 'Abd'Al-Mu'nim Al-H:imyari

Outra grande fonte a que nos temos de referir e que vamos utilizar é Al-H:imyari. Abu 'Abd'Allah Moh:âmed Ibn Abd'Allah Ibn Abd'Al-Mu'nim Al-H:imyari, autor do século XI, possivelmente natural de Ceuta, mas originário de uma família do Andaluz.

O seu livro intitula-se «Kitâb Ar-Rawd al-mi't:ar fi Khabar al-aqt:âr». Foi continuado, mais tarde, por um individuo de nome semelhante e da sua família.

A obra, no que se refere ao Andaluz está hoje publicada por Levi Provençal no seu trabalho «La Péninsule Ibérique au Moyen Age d'après le Kitâb Ar-Rawd: al-Mi't:âr fi Khabar al-aqt:âr».

Entre as principais fontes de Al-H:imyari figuram Al-Bakri e Edrissi.

Abu 'Abd'Allah Yâqût Ibn 'Abd'Allah

Nasceu na Ásia Menor, em 1179, sob o Império Bizantino. Faleceu em Halab, em 1229. Deixou-nos o famoso dicionário geográfico «Mu'jam al-Buldân».

Desta obra iniciou-se, no Cairo, uma edição em 20 volumes. Só há traduções parciais.

Barbier de Meynard publicou, em 1871, uma tradução parcial relativa à Pérsia e territórios adjacentes.

Existe um resumo deste dicionário por Abd'Al-Mu'men Safi Ad-Din publicado por Juynbold, em 6 volumes, em Leide (1956-64).

Não havendo qualquer tradução da parte relativa a Portugal, com base na edição de Wüstenfeld, de 1866-73, Leipzig, fizemos uma tradução portuguesa que utilizamos nalguns passos.

Zakariya Ibn Moh:âmed Al-Qazwini

Abu Yâhia Zakariya Ibn Moh:âmed Ibn Mah:mud Al-Qazwini, é um geógrafo do Oriente conhecido como o «Plínio medieval».

Natural de Qazwin, na Pérsia, viveu de 1203 a 1283.

Deve-se-lhe uma famosa enciclopédia dividida em duas partes: «'Ajâ'ib al-mah:lûqât (Maravilhas das Criaturas) Cosmografia e «'Ajâ'ib al-Buldân» (Maravilhas dos Países) Geografia.

No Ocidente, a edição do texto da Geografia foi feita por Wüstenfeld, Göttingen, 1849-51.

Não existem desta obra senão traduções parciais. Como não há qualquer tradução da parte relativa a Portugal, a não ser um breve trecho de David Lopes, fizemos uma tradução portuguesa de toda essa parte que nalguns pontos utilizaremos.

Moh:âmed Ibn Abi Talib Al-Ans:ari Ad-Dimaxqi

Outro depoimento que vamos evocar é o de Ad-Dimaxqi.

Ad-Dimaxqi Abu Abd'Allah Muh:âmed Ibn Abi Talib Al-Ans:ari As-Suff Xams Ad-Din é um célebre cosmógrafo árabe de quem se sabe ter morrido na Síria, em 1327.

Tem como obra principal o «Kitab Nukhbat al-Dahr fi 'Ajâ'ib al-Barr wa'l Bah:ra».

Esta obra foi publicada em 1866, em S. Petersburgo, com o título «Cosmographie de Ch. A. Abd. Moh. ed-Dimachqui» por A. F. Mehren. Foi traduzida pelo mesmo autor sob o título de «Manuel de Cosmographie du Moyen Age», 1874, Copenhaga.

Consultei esta obra como as duas anteriores, no Centro de Estudos Árabes de Madrid.

Abu'l-Fida Ismail Ibn Ali Al-Ayubi

Abu'l-Fida Ismail Ibn Ali Ibn Mah:mud Ibn 'Umar Ibn Xahinxâh Ibn Ayub Imâd Ad-Din Al-Ayubi foi um notável príncipe, historiador e geógrafo árabe.

Nasceu em Damasco, em 1273, sobrinho do príncipe de Hamat, pequeno Estado na dependência dos sultões mamelucos do Egipto.

Desde os 12 anos de idade que lutou contra os Cruzados contribuindo, pela sua acção, para que fossem expulsos das praças que então ocupavam, como S. João de Acre, Tripoli e Tiro.

Mais tarde, esteve ao serviço do Sultão do Egipto Al-Málik An-Nássir. Tendo dado provas de grande fidelidade e pertencendo à família reinante de Hamat, foi nomeado governador deste Estado.

Em 1312, visitando o Cairo, recebeu o título de «Al-Málik As-Sálik» e em 1320, o de «Al-Málik Al-Mu'alyada» e a dignidade hereditária de Sultão. Morreu em 1331, em Hamat.

Como sábio e escritor Abu'l-Fida deixou-nos duas grandes obras: uma história universal «Mukhtas:ar tarikh al-baxar», tratado de história árabe e post-islâmica até 1329 e uma geografia «Taqwin al-Buldán».

É esta última obra a que nos interessa.

A geografia de Abu'l-Fida teve como fontes Ibn H:auqal, Edrissi e Ibn Khor-dadhbeh.

Apresenta uma particularidade nova: a de dar a situação das diferentes localidades, por meio de coordenadas: latitude e longitude. A latitude, a contar do Equador, definido pelos equinócios, a longitude a contar das terras do Extremo Ocidente.

A geografia de Abu'l-Fida foi publicada por Reinaud e Slane e traduzida por Reinaud e Estanislau Guyard (1848-87).

Elaborámos uma versão portuguesa dos textos que se referem ao território do Garb Extremo do Andaluz e de Bortuqal.

Ah:med Ibn Moh:âmed Al-Maqqari

Al-Maqqari é a última das grandes fontes de que nos servimos neste trabalho. Nasceu em Tremecém, em 1591 e morreu no Cairo em 1632.

Foi Reitor da Universidade Cairuina de Fez e manteve as melhores relações com o Sultão de Marrocos do seu tempo.

Mais tarde, partiu para o Oriente. Esteve no Egipto, fez a peregrinação a Meca e visitou Jerusalém e Damasco.

A sua fama no Oriente foi enorme.

Deixou-nos numerosos trabalhos entre os quais aquele que presentemente nos interessa: «Nafh: at:T:ib min gusn Al-Andalusi al-rabit wa dhakara wa zayraha lissan ad-dyn Ibn Al-khâtyb».

Esta obra compõe-se de duas partes, a primeira das quais, nitidamente, de Ibne Arabi e a segunda de Ibne Al-Khat:ib.

A primeira parte divide-se em 8 livros, sendo o 1.º uma descrição física da Hispânia.

Foi publicada por Dozy, Dugat, Krehl e Wright sob o título de «Analectes sur l'histoire et la littérature des Arabes d'Espagne». Leide e Londres 1855-61.

Há uma versão parcial dela, de Gayangos «History of Mohammedan Dynasties in Spain» Londres 1840, que foi utilizada por Herculano. É a parte geográfica do trabalho de Al-Maqqari que aqui nos interessa principalmente. Temos uma versão portuguesa dela.

IV

DESCRIÇÃO DO GARB EXTREMO DO ANDALUZ E DE «BORTUQAL» NOS HISTORIADORES E GEOGRAFOS ÁRABES

Como descrevem a Hispânia os autores árabes

Para os autores árabes a Hispânia, ou País do Andaluz, é um prolongamento, feito através do cordão do Norte de África, do mundo árabe oriental.

Ao norte do Andaluz fica o Reino dos Romanos, o Império que teve as suas origens em Carlos Magno, tal como ao norte da Síria fica o Reino de Constantinopla, Império Grego, ou, Romano do Oriente.

O Andaluz tem uma forma triangular. Os vértices desse triângulo ficam nos cabos de Trafalgar, Finisterra e Créus.

Ar-Râzi divide o Andaluz em duas partes: Ax-Xarqi (oriental) e Al-Garbi (ocidental).

A linha divisória parte do País dos Bascos, vai quase até Toledo (Agreda) e chega, depois, abaixo de Cartagena. Parece indicar a antiga divisão romana em Hispânia Citerior e Ulterior.

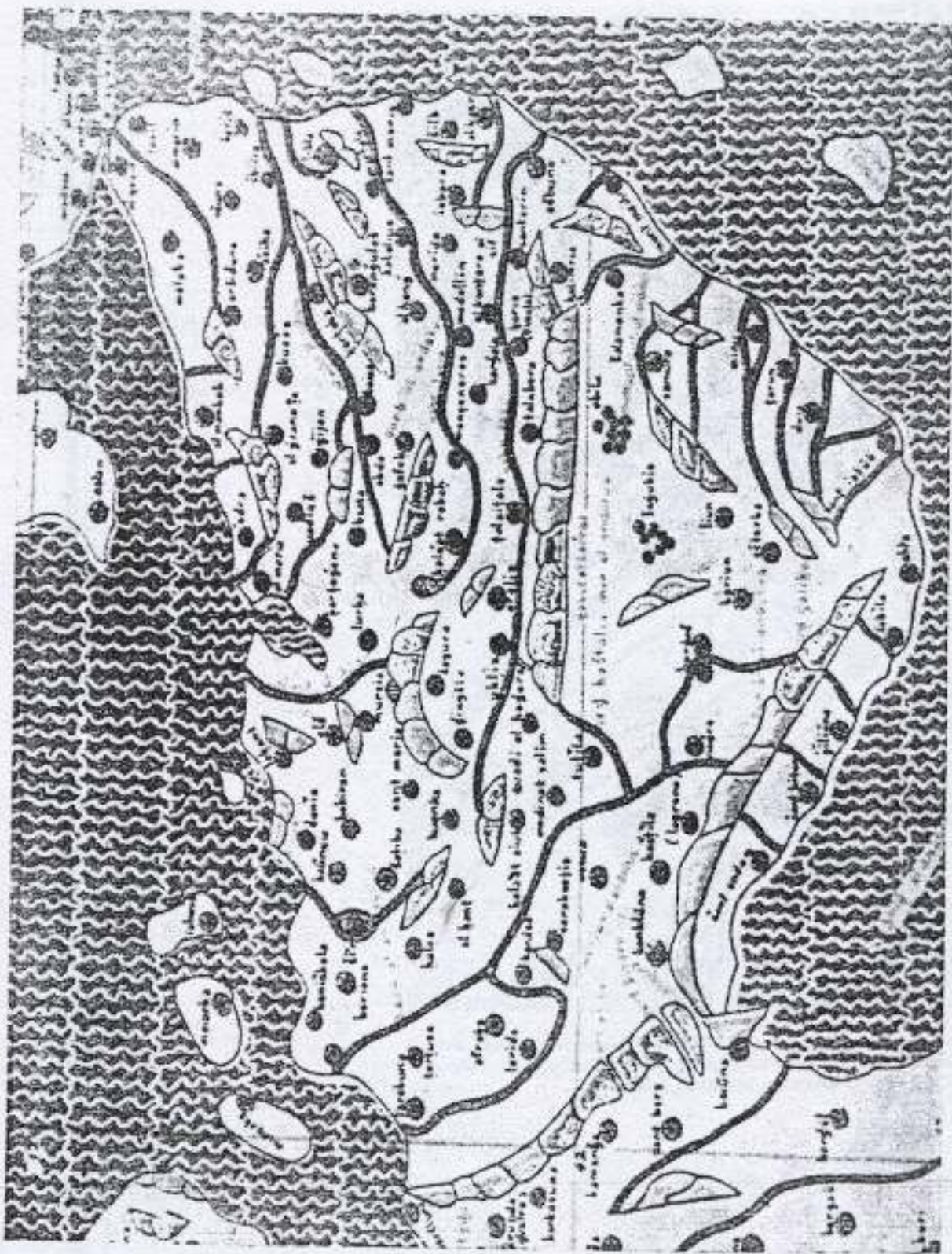
O fundamento desta divisão está no curso dos rios e ventos. Os rios orientais correm para o Mediterrâneo, os ocidentais para o Atlântico que na sua parte setentrional, para alguns autores árabes, tem o nome de Mar dos Ingleses.

Abaixo da divisão em oriental e ocidental o Andaluz tem a divisão em distritos (akâllim).

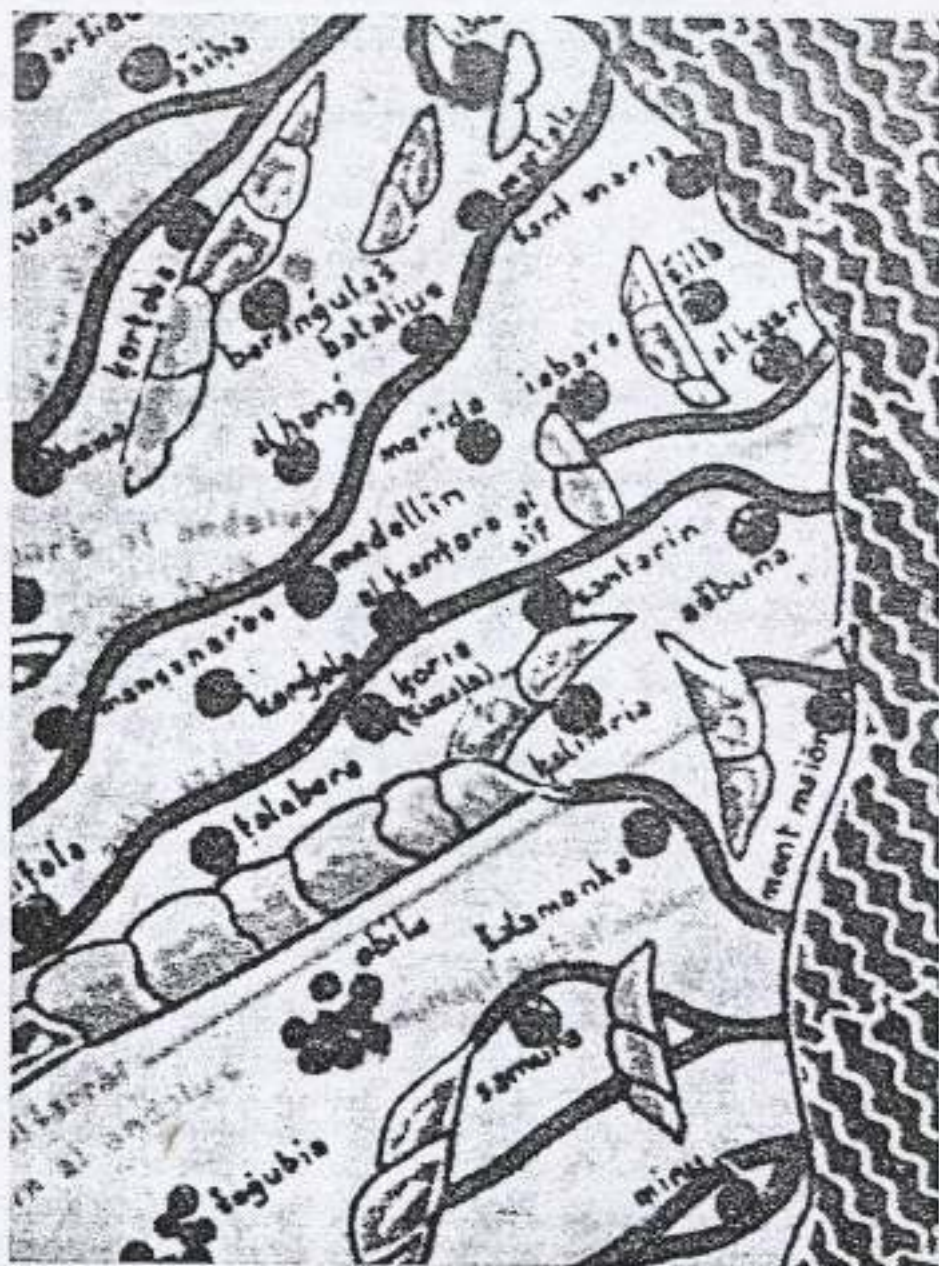
A região do Centro e Sul de Portugal a que Edrissi chamou Garb, com mais propriedade o Garb Extremo do Andaluz, divide-se em três províncias, a saber: a *Balata*, com Lisboa, Santarém e Sintra; *Alcácer*, com Alcácer, Évora, Elvas e Beja e *Al-Facr* que corresponde ao moderno Algarve, acrescido, no entanto, da zona de Mértola.

O GARB EXTREMO DO ANDALUZ

Podemos começar a descrição do Garb Extremo do Andaluz pelo Algarve e, nesta província, pelo seu lado oriental.



Mapa da Península Ibérica segundo Edrisi com transcrições latinas dos nomes árabes



A zona, hoje portuguesa, do Minho ao Guadiana no Mapa de Edrissi com indicação expressa de Mértola, Santa Maria, Silves, Évora, Alcácer, Santarém, Lisboa, Coimbra e Montemor

Marsá Hâxim (Castro Marim?)

Tínhamos, em primeiro lugar, aí, atravessando o Guadiana, Marsá Hâxim que Levi Provençal identifica com Castro Marim ou uma povoação que haja existido próximo desta localidade.

Marsá Hâxim apresentava ruínas de uma basílica do tempo do Imperador Diocleciano. Servia de porto de trânsito para Mértola.

Avançando um pouco, para ocidente da costa algarvia, encontrávamos:

Qast:âlla Darrâj (Cacela)

Qast:âlla Darrâj (a actual Cacela) era a sede do feudo dos Banu Darrâj importante família árabe que aí se fixou.

Dessa família nasceu Ah:med Ibn Darrâj, famoso poeta da corte de Córdova, em tempos do hájibe Aïmansor Ibn Abi 'Amir.

A designação de Qast:âlla derivava do facto de, nessa região, existir uma série de pequenos castelos que, no seu conjunto, fechavam, por oriente, a entrada no Algarve.

Mais tarde, Cacela seria um dos pontos estratégicos logo ocupados por D. Paio Peres Correia, na sua progressão para o Sul.

Pôs-se, em tempos, a questão de saber se foi a família senhora de Qast:âlla que tirou o nome da região que é em degraus (como a palavra Darrâj indica) ou se essa família é que deu o nome à povoação. Esta última hipótese é, hoje, a admitida.

Levi Provençal disse-nos possuir a genealogia completa dos Banu Darrâj.

T:abira (Tavira)

Depois de Cacela os historiadores e geógrafos árabes falam de T:abira. É a actual cidade de Tavira.

Em tempo dos árabes não teve grande importância. No entanto, o seu nome surge, várias vezes, em Abd'Al-Wah'id e em Ibn Idhari. Nos tempos revolucionados aparecem aí, sempre, revoltosos com personalidade.

É a terra de Abu 'Uthman Ibn Hâkhir, poeta, historiador e escritor, mais tarde primeiro ministro do Rei de Maiorca e Rei da Minorca, até que a conquistaram os aragoneses.

As tradições lendárias e folclóricas do Algarve falam de um tal Favila que seria o senhor de Tavira que a perdeu quando da conquista de D. Paio Peres Correia.

Xanta Mariya Al-Algarbi (Faro)

Segue-se Faro. Na região existiu, no tempo dos romanos e até ao dos árabes, a cidade de Ossónoba.

Ar-Râzi, no século X, fala ainda de Ossónoba e Al-Maqqari, no século XVI, diz que Ossónoba é nome de distrito e de cidade.

No entanto, os historiadores árabes, a partir do século X, empregam para designar a povoação importante da zona o termo de Xanta Mariya, acrescentando Al-Algarbi para a distinguirem de Xanta Maria Ax-Xarqui (do Oriente), Albaracin, termo este que deriva de Ibn Racin que foi senhor dela.

No século XI passou-se a designar Xanta Mariya Al-Algarbi por Xanta Mariya Ibn Hârun e depois por Xanta Maria de Hârun, de Hayrun, de Faron e de Faraon. Desta designação ficou apenas Faraon e Faro.

Em Santa Maria do Algarve havia uma mesquita principal ao lado de outras e um *cadi* de elevada categoria⁽¹⁾.

A cidade possuía, também, uma igreja cristã muito famosa. Diz-se que esta igreja tinha colunas de prata que um homem não podia abarcar com os braços⁽²⁾.

Santa Maria era um porto de mar. Ibn Alabar afirma que era porto de Ossónoba. Supomos ser esta a versão mais admissível. Ossónoba devia ter existido na região. Santa Maria teria surgido da necessidade de se fortificar o porto que servia a cidade.

Sabemos que Santa Maria foi fortificada no tempo da dinastia muladi dos Banu Bakr.

O facto de a povoação se chamar Santa Maria deve-se a existir, aí, uma imagem de Santa Maria sobre as ameias das muralhas que davam para o mar. Isso mostra bem que devia ter sido uma povoação com forte percentagem de moçárabes. Por outro lado, não parece ser povoação completamente nova, visto que Al-H:imyari a considera uma cidade antiga, isto é, talvez da época dos romanos. Deve tratar-se, na realidade, de um prolongamento de Ossónoba.

De Santa Maria foi o célebre filólogo Abu'l-Hajjaj Yussuf Ibn Sulaiman Al'Alam Ax-Xantamari, famoso pelo seu «Comentário aos Seis Divans».

A povoação era rica em produtos da terra e do mar. Nos seus campos produziam-se figos e uvas. Extensas regiões deles mostravam-se cobertas por pinheiros. O seu porto tinha estaleiros. A ele chegavam e dele partiam numerosos navios.

Entre os casos extraordinários de Xanta Maria conta-se o de uma fonte que, quando as pessoas se aproximavam dela deixava de deitar água e quando

(1) Al-H:imyari — Kitáb Ar-Rawd — Xanta Mariya Al-Algarbi.

(2) Qarwini — Kitáb 'Aja 'ib — Xanta Mariya Al-Algarbi.

se afastavam tornava a deltá-la. Também se conta do fenómeno de uma criança que aos 5 anos de idade apresentava já todos os sintomas da virilidade⁽¹⁾.

Al-'Ulya (Loulé), Batirna (Paderne) e Al-Buh:aira (Albufeira)

Os historiadores árabes falam, depois, de Loulé (Al-'Ulya), de Paderne, (Batirna) e de Albufeira (Al-Buh:aira)⁽²⁾.

Sabemos, pelos historiadores portugueses que, nesse tempo, já existia, também, Salir. Perto de Albufeira ficava Boliqueime cujo nome parece provir de Abu'l-Hákhim e é povoação que certamente também já existia no tempo dos árabes

Xilb (Silves)

Vem depois a cidade de Silves (Xilb). Silves foi muito elogiada por Edrissi que a classificou como uma cidade bonita. Tornou-se célebre pelo seu Al-Qás:r Ax-Xarajib (Palácio das Varandas) onde viveu, na sua juventude e foi educado o príncipe Al-Mu'tamid Ibn Abad, filho de Al-Mu'tad'id, Rei de Sévilha.

No ponto de vista militar a cidade dispunha de boas fortificações.

Silves foi também célebre pelos seus poetas e oradores e pelos seus homens de letras entre os quais se distinguiram o poeta Ibn Ammar, o filósofo Ibn Qassi, criador da seita dos muridas e autor do tratado de filosofia mística «Khal'u Al-Na'lain» e o crítico literário Ibn Badrun que comentou a cassida em rã de Ibn Abdun de Évora.

A tendência dos silvenses para a poesia era proverbial. Qazwini não hesitou em dizer que, em Silves, qualquer lavrador, atrás do seu arado, sabia compor versos e Al-Maqqari afirma que aí, qualquer criança, mesmo de pouca idade, era capaz de manter um diálogo em verso, do que dá um exemplo.

Silves possuía uma escola de oratória e bibliotecas notáveis.

Os campos de Silves produziam trigo e figos, doces e saborosos, de excelente qualidade. Nas hortas, bem irrigadas, havia as mais variadas espécies de frutas. Na zona de Monchique eram célebres as maçãs⁽³⁾.

Junto do rio havia moinhos e na foz dele, estaleiros para a construção naval.

Os mercados de Silves eram muito abundantes e nos seus bazares se expunham produtos de qualidade.

(1) Estes dois fenómenos foram registados por Al-H:imyari e outros.

(2) V. Adh-Dhakhyra As-Sanniya-Crónica anónima dos Merinidas e o nosso estudo sobre «Aben Ma'om e a conquista do Algarve pelos portugueses».

(3) Al-H:imyari — Kitáb Ar-Rawd — Silves.

Porches, Estombar e Alvor

Ao sul de Silves ficava a povoação de Porches. «Porches» parece ser a pluralização da palavra árabe «Burj» (torre militar).

A ocidente ficavam Estombar e Alvor.

Estombar chama-se nos documentos portugueses do século XII, Torre de Aben Abece (ou Abasse) e no século seguinte Escombar. Não sabemos se este nome terá alguma relação com o facto de a povoação ter sido trocada ou escambada como então se dizia, por Cacela.

Alvor (Al-Bir, com pronúncia Al-Bür, o poço) foi castelo forte em ponto estratégico, destruído, antes do ataque a Silves por D. Sancho I e os Cruzados.

H:alq Az-Zawia (Lagos?)

Mais à frente de Alvor tínhamos a alcaria de Az-Zawia (ou Azoia), na região da Lacóbriga dos romanos, zona da actual Lagos.

Era uma alcaria e um porto.

Talvez que tivesse sido esta povoação a dar o nome à porta ocidental da cidade de Silves que se chamava Porta da Azoia, tal como a oriental, na direcção de Loulé, se chamava Porta de Loulé.

Tarf Al-Guráb (Cabo dos Corvos)

Segundo os autores árabes a ponta mais ocidental do Algarve tem o nome de Cabo dos Corvos. Aí repousavam os restos mortais de S. Vicente, diácono mártir de Córdoba, do tempo das perseguições de Diocleciano, transportados primeiro para Valência e depois, no tempo de 'Abd Ar-Rah:man I, para o local onde se encontravam.

O Cabo tirava o seu nome dos corvos que, segundo a tradição, haviam acompanhado o corpo do santo e aí se mantinham, em volta do seu túmulo.

No Cabo existia uma igreja desde os tempos dos cristãos, muito naturalmente desde a própria época romana. Nessa igreja foram recolhidos os restos mortais do santo quando aí chegaram.

Ao serviço da igreja e do culto do santo havia sacerdotes e monges. A igreja tinha um tesouro com o qual oferecia uma adiafa, comida ligeira, a todos os que a ela chegassem, fossem cristãos ou muçulmanos.

O convento dispunha de grandes rendimentos em todo o Algarve, provenientes de propriedades que lhe haviam sido dadas pelos devotos do santo.

Contavam-se muitas coisas a propósito dos milagres do santo e das maravilhas operadas pelos corvos que velavam o seu corpo.

Uma delas era que sobre a cúpula da igreja havia sempre corvos e que quando surgiam peregrinos para uma mesquita que ficava junto ou em frente do convento, um dos corvos, lá do alto, avisava para dentro, os monges, grasnando tantas vezes quantos os peregrinos muçulmanos que vinham na estrada ao longe. Desta maneira os monges sabiam quantas refeições deviam preparar para os peregrinos que iam à mesquita, pois estava entre as suas obrigações fornecer alimento também a esses.

Através dessa e de outras obrigações os monges obtinham franca protecção das autoridades muçulmanas.

Quando da invasão dos almorávidas os ódios religiosos excitaram-se e um cavaleiro de Fez, de nome Abulacin, foi contra o Cabo, matou os monges velhos, cativou os novos e destruiu o convento, respeitando, no entanto, a sepultura do santo.

Alguns dos monges que escaparam vieram para Lisboa, onde, anos depois, entrou Afonso Henriques, Rei de Portugal. Por esses monges soube o rei do sucedido.

Afonso Henriques mandou ao Cabo uma expedição, mas não encontraram o local do túmulo de S. Vicente. Só anos depois, segunda expedição o encontrou e trouxe para Lisboa as relíquias tão veneradas.

Mártula-Mirtula (Mértola)

Pertencente ao distrito de Beja, mas integrada já, um pouco, na região do Algarve, ficava Mértola, Mártula, Mirtula ou Hisn Mirtulati (O Forte de Mértola), como os árabes lhe chamavam.

Mértola era uma povoação altaneira, junto do Guadiana, dominada por um castelo forte.

Pelo Guadiana entravam muitos dos exércitos africanos que, depois, deviam atacar a linha do Tejo. Esses exércitos, quando necessário, hibernavam em Mértola onde encontravam sempre condições de uma retirada estratégica por via fluvial.

Mértola, dizem os escritores árabes, foi a terra de um asceta célebre Abu Imran Al-Mártuli. Foi também o centro do Estado teocrático de Ibn Qassi de Silves, fundador da seita dos Muridas, que aí se proclamou Mahdi, como informam alguns e a numismática confirma.

Em Mértola, ao lado do Castelo havia uma mesquita que ainda hoje persiste se bem que transformada em igreja matriz.

Xirba e Moura (Serpa e Moura)

A nordeste de Mértola ficavam Serpa e Moura, localidades de que os historiadores árabes pouco falam.

Em Serpa foi governador um dos Ibn Wazir, do tempo de Afonso Henriques e do Giraldo. Moura tem uma torre que foi construída no tempo de Al-Mu'tad'id Ibn Abad, Rei de Sevilha, como atesta uma lápide nela encontrada.

Bâja (Beja)

Beja era uma importante povoação fundada por Júlio César segundo uma tradição mantida pelos árabes. De Pax Júlia se teria feito Badja. Era uma cidade grande, de ruas largas, devido, sem dúvida, ao seu traçado romano.

Designavam-na como Beja das Oliveiras para a distinguirem da Beja do Norte de África a que chamavam a Beja do Trigo. Assim o afirma Dimaxqi que esclarece a questão.

Entre os homens ilustres de Beja figura Soleiman Ibn Kalaf Al-Bâji, filósofo e teólogo que discutiu com Ibn Hazm e Ibn Sahib As-Salâ, historiador da época almóada.

Beja era uma região muito rica em gado e em produtos da terra e do subsolo. As suas águas prestavam-se para a curtição de coiros e nos seus campos fazia-se, em boa escala, a cultura do mel. Nos seus arredores havia muitas flores que atraíam as abelhas.

Na zona de Beja existiam ainda, ao sul: Aljustrel, Ourique, Totálica (?), Marrachique e Monte Agudo.

Em Totálica havia minas de prata em local que os habitantes conservavam em segredo (').

Yâbura (Évora)

Évora era uma cidade importante. A sua categoria, no entanto, não se assemelhava à de Beja, motivo porque, algumas vezes é incluída na região desta cidade.

Évora tinha muralhas, um castelo e uma mesquita principal.

No tempo dos Al-Aftássidas dependia de Badajoz. Foi governada, durante anos, por 'Umar Al-Mu'tawáquil que aí teve um palácio.

De Évora é o famoso poeta Ibn Abdun, autor da célebre elegia em *ra*, em que chora a morte trágica de 'Umar Al-Mu'tawáquil e de seus filhos, trucidados pelos almorávidas.

(') V. Ar-Râzi — Beja

Já no tempo dos árabes eram célebres os campos de Évora. Ibn Khaqan, o historiador cordovês que os percorreu, na época de Ibn Abdun, elogia as belas quintas (munyas) que faziam desses campos algo de semelhante aos actuais campos de Sevilha por onde se espalham belas e ricas «fincas».

Évora produzia trigo, frutas e legumes e tinha um comércio florescente.

Ilbas (Elvas)

A cidade de Elvas ficava numa montanha, campeando nas alturas. Era célebre pela beleza das suas mulheres.

De Elvas distinguiu-se o jurista Ibn Mucana, pai ou parente do poeta de Lisboa do mesmo nome. Ibn Mucana de Elvas foi cadí de Badajoz e fez parte da embaixada enviada pelos reis desta cidade a Yussuf, chefe dos almorávidas, para que estes viessem socorrer os príncipes árabes de Andaluz contra o avanço dos cristãos.

Aos pés da cidade de Elvas havia hortas e vérgéis; no interior, boas casas e bazares bem fornecidos.

Julumânia (Jeromenha)

A Jeromenha — Julumânia ou Hisn Julumániati (Castelo da Jeromenha) — ficava ao sul de Elvas, no termo de uma estrada que por Elvas conduzia a Badajoz e Mérida.

Foi o castelo forte de Giraldo quando das suas investidas sobre Badajoz.

Na Jeromenha nasceu o poeta Abu Zakariya Moh:amed Ibn Zaki cuja família, no entanto, era de Lisboa. Ibn Zaki cantou em verso o príncipe Al-Ma'mun ben Di-Nun de Toledo⁽¹⁾.

Junto de Elvas e da Jeromenha ficava, segundo Ar-Râzi, a cidade de Amaya.

Al-Qas:r Abu Dânis — Al-Qas:r Al-Fath (Alcácer do Sal)

Alcácer, na zona da velha Salácia, teve, na época dos árabes, os nomes de Al-Qas:r Abu Dânis e Al-Qas:r Al-Fath (o Castelo de Abu Dânis, o Castelo da Vitória).

Era conhecida pelo nome de Abu Dânis, porquanto, no fim da revolta dos muladis o Califa 'Abd'Ar-Rah:man III a entregou a um tal Yahia Ibn Abi Dânis, ao mesmo tempo que entregava o castelo da montanha próxima a um irmão deste, 'Abd'Allah Ibn 'Umar Ibn Abi Dânis⁽²⁾.

(1) Ibn Sa'îd Al-Magribi-Kitâb Al-Mugrib-Ed. Cairo, Vol. I, Pág. 378.

(2) Una Cronica Anónima de 'Abd' Ar-Rah: man An-Nâs: ir-Ed. Provençal e Garcia Gomes — 1950 — Madrid — pág. 128.

Mais tarde, a designação de Al-Fath parece ter provindo da memorável vitória que aí obteve o Califa almóada Ya'qub que a arrancou aos portugueses.

Alcácer tinha os campos em volta cobertos de pinheiros. Nas suas terras havia muito gado e, conseqüentemente, carne e leite. Junto do rio estavam activos os estaleiros. Era um centro comercial de primeira ordem.

Entre Alcácer e Lisboa ficavam dois castelos: o de Balmalla (Palmela) e o Almada. Já então devia existir o castelo de Sesimbra, tomado por D. Afonso Henriques.

Lirbána — Al-Urbána (Lisboa)

Lisboa, Sintra e Santarém ficavam na província da Balata. É possível encontrar-se alguma ligação entre a designação de Balata e a Valada do Ribatejo.

Para os escritores árabes Lisboa é uma cidade importante, na margem setentrional do Tejo.

Tem um castelo forte e muralhas nas quais se abrem numerosas portas: a sul, a Porta do Mar (Bab Al-Bah:r), a leste, a Porta da Alfama (Bab Al-H:ama) a oriente, e a Porta do Cemitério (Bab Al-Makbar) a oeste a Porta da Fresta (Bab Al-H:oha) e a Porta do Ocidente (Bab Al-Garb).

Esta era a porta mais importante. Ficava situada em frente da actual Sé e apresentava um aspecto monumental. Constituíam-na enormes arcos sobrepostos sobre colunas, tudo em mármore.

Em Lisboa havia um bairro célebre — o da Alfama — célebre não só pelas águas termas que aí existiam como por daí terem partido, segundo a tradição, os famosos aventureiros.

As águas do Tejo batiam nas muralhas da Alfama e, na maré cheia, atingiam aí grande altura.

Quando de uma das invasões dos normandos combateu-se nas muralhas da Alfama ao nível dos barcos, isto é, durante a luta, a coberta dos barcos ficava à altura das muralhas.

Os banhos quentes encontravam-se sob edifício abobadado que na maré viva se cobria com a água do rio.

É conhecida a história dos aventureiros que partiram de Lisboa à procura dos limites do grande Mar Oceano. Constitui como que um prenúncio da futura epopeia marítima dos portugueses.

Não se trata de uma lenda. Hoje sabe-se quem foi o chefe dos aventureiros, Kaxkax, o mesmo almirante que quando da invasão do hájibe Almansor por terras da Galiza, com passagem pela zona hoje portuguesa, comandou a esquadra muçulmana que por mar apoiou esta operação militar, dirigindo-se com tropas de infantaria, de Alcácer ao Porto (1).

(1) Vide Levi Provençal — Histoire de l'Espagne Musulmane — Ed. Maisonneuve, Vol. III, Pág. 342, Nota 1.

Depois das primeiras invasões normandas a esquadra do Andaluz, até aí quase inexistente, transformou-se numa força poderosa. Tinha as suas principais bases no sul da Península: Almeria, Málaga e Sevilha, mas os marinheiros de Lisboa certamente muito contribuíram para o seu poderio.

De Lisboa foram poetas notáveis como Ibn Muqânâ (de Alcabideche), autor de uma carta em mime dirigida a Edris II de Málaga, Al-Quraxi e Al-Masmûdi. Aqui estiveram, como cadi Ibn Abd Al-Bar, famoso tradicionista e como vali Gudam Ibn Hud, negro da família dos Banu Hud de Saragoça.

Na época dos Muridas, Lisboa chegou a ser um reino. Assim o diz expressamente Abu'l-Fida que se refere ao «Mamâlik al-Lisbunati».

Lisboa possuía hortas e vérgéis. Tinha caça famosa, sobretudo de falcões e pesca abundante. Em Lisboa se fabricava um mel excelente, seco, semelhante ao açúcar.

Na costa colhia-se âmbar, como em frente de Alcácer e de Sintra.

Em frente de Lisboa, ao sul do Tejo, ficava Almada em cujas praias, no Inverno, se procedia à apanha de palhetas de oiro, arrastadas pelas águas do rio.

Ao sul de Lisboa, os autores árabes falam de uma Serra dos Banu Benamocer onde há uma râbita. Julgamos tratar-se da Serra da Arrábida.

Junto de Lisboa refere Qazwîni a existência de uma caverna na qual o mar entra com grande estampido. Quando as ondas irrompem, a montanha que fica por cima estremece. Para quem vê o fenómeno, de fora, parece que quando as ondas entram a montanha se eleva e quando saem volta à sua posição normal.

A ocidente de Lisboa havia um lago e ao norte um outro, de água salgada.

Xintra (Sintra)

Para os autores árabes, Sintra depende de Lisboa. Fica numa serra onde prosperam as violetas silvestres.

A Serra e a povoação encontram-se durante grande parte do ano, cobertas de nevoeiro.

Em Sintra há dois castelos, diz Al-Himiarî. Supomos tratar-se do Castelo da Vila e do Castelo dos Mouros.

Tira o seu nome de Sintra o poeta Bakr Ibn Dâwud Al-Maruâni Ax-Xintari, o notável asceta que andou, durante muitos anos, com mulher e filhos, peregrinando e meditando por esta região até que ingressou nas hostes muçulmanas que lutavam contra os portugueses e nesta luta morreu⁽¹⁾.

Na costa próximo de Sintra colhe-se um âmbar de primeira qualidade, semelhante ao melhor do mundo, o «xajarî» da Índia.

(1) Ibn Sa'îd Al-Magribî-Kitâb Al-Mugrib — Vol.: I, pág. 415.

Nas montanhas de Sintra há pedras medicinais com as quais se preparam solutos bons para os rins.

Também há pedras em forma de bolota e de granito, assim como outras que à noite brilham como lanternas ou archotes e são de ónix⁽¹⁾.

Xantariḡ (Santarém)

Santarém é uma cidade nova que substitui a Scalabis deixada a pouca distância.

Edificada em volta da povoação de Xanta Iren, não devia ter muralhas, ao princípio. Isso justificaria o dito, de certo modo incompreensível de Edrissi de que Santarém não tem muralhas, numa época em que a cidade suportava os mais duros assédios e seria considerada como a mais forte praça de guerra portuguesa.

De Santarém eram o poeta Ibn Sara e o historiador Ibn Bassam.

Santarém, edificada no alto de uma montanha, tinha um bairro que corria junto ao rio.

Os seus campos eram conhecidos como grandes produtores de trigo. Segundo os autores árabes, uma semente, aí, dava 100 ou 200 grãos. Faziam-se neles grandes criações de gado cavalariço, tradição que já vinha dos romanos e se manteve nas lezírias e no modo de vida dos campinos.

Santarém como Lisboa, pertenceu ao reino dos Alaftássidas. Passou, depois, para a posse de Afonso VI de Leão e Castela. Seguidamente foi conquistada pelos almorávidas, que a perderam e reconquistaram. Finalmente calu em poder de Afonso Henriques.

Próximo de Santarém, fica Coruche, praça de guerra muitas vezes disputada entre cristãos e muçulmanos.

Exitânia (Idanha)

O único autor árabe que nos fala pormenorizadamente da Idanha — Exitânia — é Ar-Râzi.

Informa Ar-Râzi que a Exitânia é a capital do distrito do mesmo nome. É uma cidade muito antiga, situada junto do Tejo. Tem um castelo forte. Está dotada de um solo fértil no qual se dão cereais e vinhas. Há aí caça e peixe.

Na sua região ficam castelos fortes, como Monsanto, muito sólido, o de Arronches e o de Montalvão, no cimo de um pico muito elevado.

Também a esta região pertence o castelo de Alcântara As-Sayf (já em Espanha) onde há uma ponte célebre como outra se não encontra no mundo, no dizer hiperbólico dos autores árabes.

(1) Qarwini — Kitáb 'Ajaib — Lisboa.

BORTUQAL (PORTUGAL)

O país a que os historiadores e geógrafos árabes chamam Bortuqal começa acima de Santarém e prolonga-se até ao rio Minho (Minu).

A sua primeira cidade importante, no sentido do norte, é Coimbra, a que chamam «Qulumriya».

Qulumriya (Coimbra)

Coimbra fora, no tempo do domínio árabe no seu território, um poderoso centro moçárabe.

Nos meados do século XI conquistou-a Fernando o Magno que pôs à sua frente, o Conde moçárabe Sesnando que servira na corte de Al-Mu'tad'id Rei de Sevilha.

Segundo os autores árabes, Qulumriya fica sobre uma colina arredondada, nas margens do rio Mundik (Mondego) que nasce na Serra da Estrela e corre para o Oceano.

Tem um castelo forte inexpugnável. Nas suas muralhas abrem-se três portas. Junto do rio há moinhos.

Os campos de Qulumriya são muito férteis. Quando vem a altura das cheias inundam-se. Depois das águas desaparecerem fazem-se as sementeiras que permitem colheitas abundantes.

Nos campos de Coimbra há vérgéis e pomares. Cultivam-se aí a oliveira, a vinha, as macieiras e as cerejeiras.

Junto da foz do Mundik fica Montmaur (Montemor-o-Velho), poderosa fortaleza.

Para Abu'l-Fida Qulumriya é a capital do reino de Bortuqal. Claro que esta indicação só tem sentido a partir do reinado de D. Afonso Henriques até D. Afonso III.

Podemos acrescentar a isto que junto de Coimbra ficava a povoação da Lourosa, hoje célebre pela sua igreja moçárabe do século X.

Bazeu (Viseu)

Para cima de Qulumriya os historiadores e geógrafos árabes assinalam Viseu (Bazeu) Alafões (terra natal do Conde Sesnando), Lamego, Águeda (Ada) e Oliveira de Azeméis (Ulibaira).

Falam do rio Vouga (Bauga) que alguns consideram como o limite meridional de Portugal.

Bortuqal (Portucalem-Porto)

Bortuqal é, ao mesmo tempo, o nome de um reino e de uma cidade, a de Portucalem-Porto antigo.

Bortuqal, ao norte do Douro, tem, na sua frente, na margem meridional deste rio, Bila Bona Cala (Vila Nova de Gaia).

Braca (Braga)

Acima da cidade de Bortuqal fica Braga (Braca) para o norte da qual se situam as fronteiras da Galiza (Jilliqiya).

Os geógrafos e historiadores árabes falam também do rio Minu (Minho) já em terra dos Galegos.

O limite meridional da Galiza, que no século X, ainda se definia abaixo de Coimbra, foi subindo até que, no século XIII, se encontra já bem na região do rio Minho.

**REDE DE COMUNICAÇÕES — ESTRADAS E ROTAS DO GARB
E DE BORTUQAL**

O estudo da rede de comunicações entre as cidades do Garb e de «Bortuqal» está ainda por fazer.

Sabe-se que elas existiam por terra e por mar. Sobre as estradas e rotas temos algumas referências históricas.

No que diz respeito a estradas, funcionavam as velhas estradas romanas restauradas e completadas por novos caminhos árabes.

Na época do Califado, o Andaluz foi visitado por dois geógrafos célebres orientais, Al-Is:t:akri e Ibn H:aukal.

Eles deixaram-nos obras que são bem conhecidas e nas quais se referem às estradas e caminhos do Ocidente do Andaluz.

Al-Is:t:akri dá-nos um itinerário que saindo de Córdoba vai a Sevilha e depois a Niebla e à foz do Guadiana. Daqui segue uma estrada para Santa Maria do Algarve e para Silves. Uma outra, a principal, toma para Mértola, Beja, Évora e Lisboa.

De Lisboa segue uma estrada para Santarém. Esta prolonga-se para o Norte, para Coimbra, Lamego e Porto. Uma outra estrada sai de Santarém direito a Cória, possivelmente pela região de Artium Vetus (Abrantes) e por Alcântara As-Sayf.

O mesmo autor nos informa de uma estrada que liga Cória com Salamanca, ao Norte, e com Mérida ao Sul. Para o sul de Mérida esta estrada vai até Sevilha, ligando, de novo com Córdoba.

Ibne H:aukal dá-nos um outro itinerário.

Ao princípio, como o de Al-Is:t:akri, de Córdoba a Sevilha e de Sevilha a Niebla. Depois, por Gibraleon e Lepe, até Ossónoba e daqui até Silves. De Silves segue-se para Alcácer e depois, para Lisboa, por Almada. De Lisboa, o caminho vai a Sintra e a Santarém.

De Santarém vai-se à Jeromenha por Avis. Da Jeromenha inflete-se para o norte, para Elvas e daqui para o oriente, para Badajoz, Mérida e Medelin. Em Medelin o caminho toma de novo para o norte, para Trujillo e daqui, para ocidente, para Cáceres. De Cáceres a estrada vai a Toledo por Albaat e Talavera e depois a Córdoba.

Estes os itinerários e circuitos do Garb do Andaluz indicados por Al-Is:t:akri e Ibn H:aikal.

Ibn H:aikal apresenta a inovação de dar as distâncias entre as povoações em jornadas, ou seja, dias de marcha.

No entanto, alguns dos seus números estão manifestamente errados. Assim, de Ossónoba a Silves seriam 6 jornadas, mais do que de Silves a Alcácer que seriam 5.

Mais tarde, Edrissi deu também as distâncias em jornadas e em milhas.

A sua indicação de que de Silves a Alcácer são 4 jornadas está menos certa do que a de Ibn H:aikal que atribui a essa viagem 5 jornadas.

Não sabemos, no entanto, se o caminho de Silves a Alcácer se fazia por Lagos ou pela Serra de Monchique passando-se por Alferce e por Ourique. Não consta que o caminho de Silves a Alcácer fosse romano, motivo por que o supomos árabe.

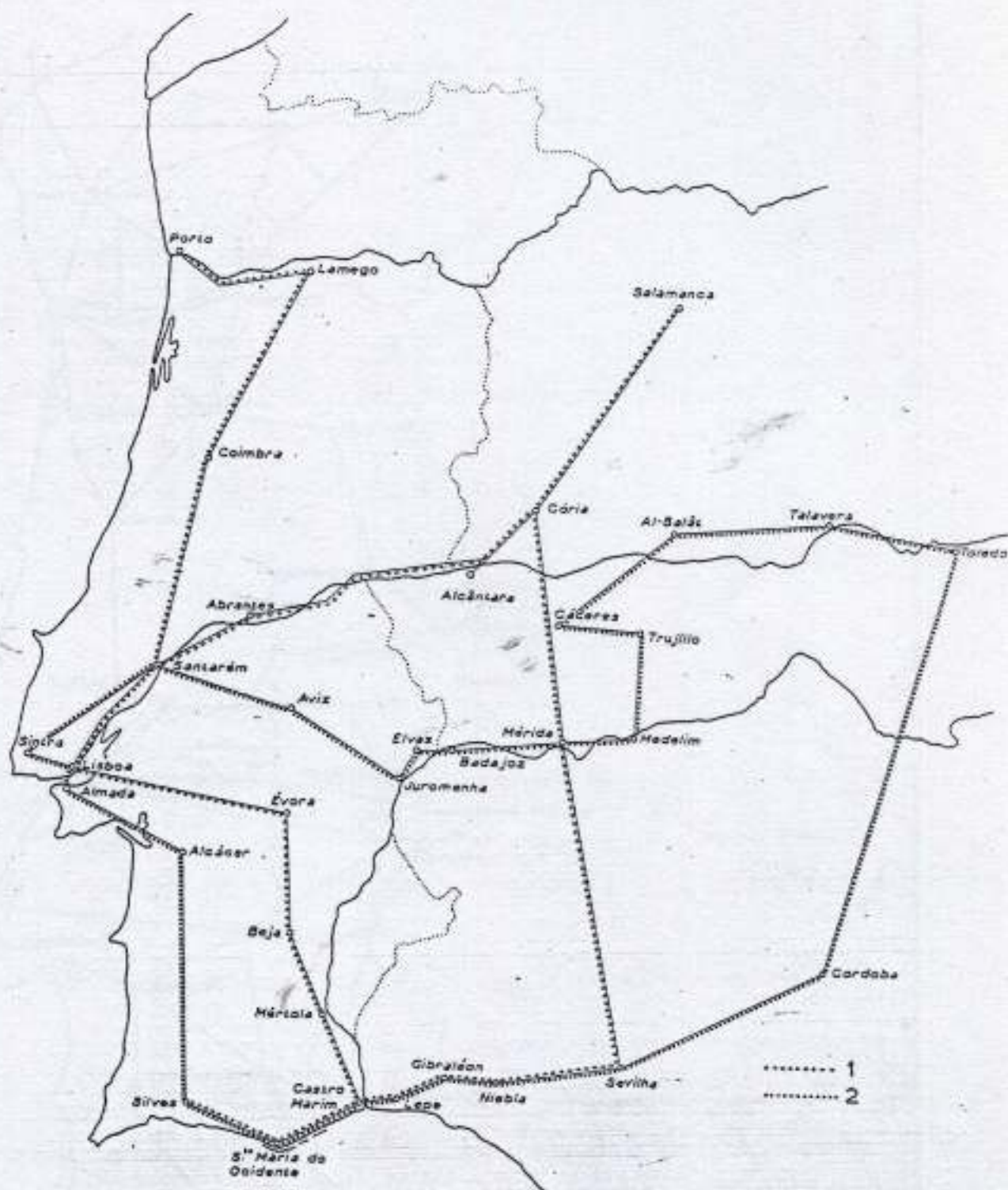
Era característica dos caminhos árabes cortar a direito seguindo mesmo pelo fundo dos vales, ao contrário das estradas romanas que contornavam as colinas sempre pelas alturas, a fim de se evitarem os ataques súbitos, de surpresa. Por isso admitimos que o caminho de Silves a Alcácer fosse, de facto, a direito, pela Serra de Monchique.

Segundo Edrissi havia um caminho de Alcácer a Évora que se fazia em 2 jornadas, pondo em ligação a estrada do interior com a do exterior do Alentejo.

No que diz respeito às rotas marítimas, sabemos que havia comunicações constantes entre os diferentes portos do Ocidente da Península Ibérica. Navios de transporte de mercadorias e passageiros, seguiam, vindos de Cadiz e de Huelva por Santa Maria do Algarve e Portimunt (porto de Silves), para Alcácer, Lisboa, Porto e rias da Galiza.

Os figos de Silves eram transportados por mar para os países do Norte.

Do porto de Silves partiu o poeta e diplomata Algazel, no século IX, para a sua viagem à terra dos normandos ou Majus. (Dinamarca ou Escandinávia). O porto de Silves foi, mais tarde, o teatro de uma violenta luta naval em que o poderio da esquadra normanda se viu completamente desfeito pela actuação inteligente e violenta da esquadra muçulmana do Andaluz.

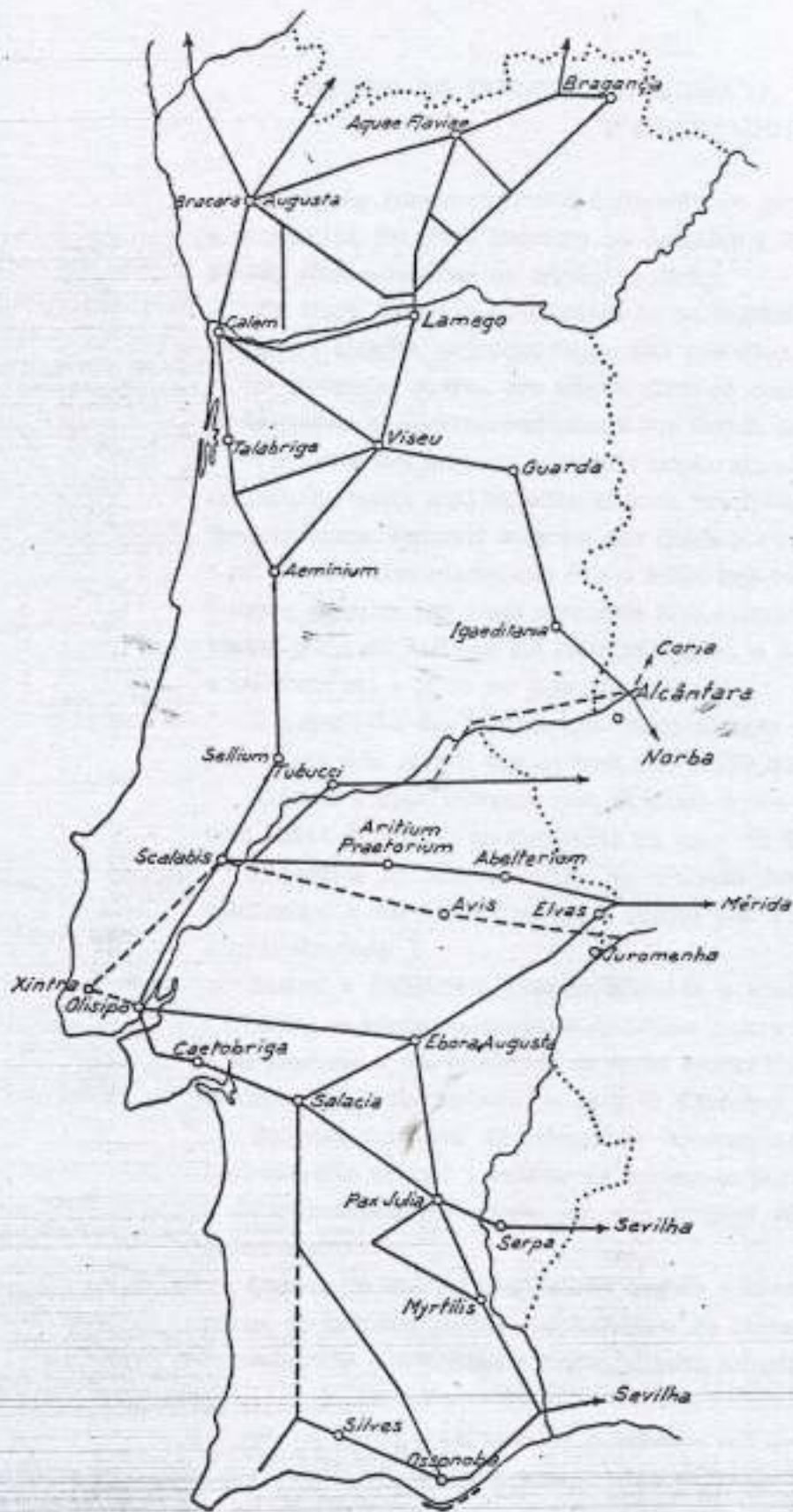


Itinerários dos geógrafos árabes orientais:

- 1 — Al-Ishtakri
- 2 — Ibn H'aukal

O OARB EXTREMO DO ANDALUZ

355



Estradas romanas e árabes:

A cheio: — estradas romanas

A tracejado: — estradas ou caminhos da época árabe cuja existência na época romana não podemos garantir

V

DADOS DE GEOGRAFIA HUMANA, CULTURAL, POLÍTICA
E ECONÓMICA

Se, agora, considerarmos o conspecto da geografia humana, cultural, política e económica, do Garb Extremo do Andaluz e de «Bortuqal», durante o domínio árabe, oferecem-se-nos os seguintes dados.

No Garb Extremo do Andaluz havia regiões férteis e cultas, geralmente, em volta das cidades, principalmente das costeiras.

O Alentejo, porém, era um verdadeiro deserto. Assim o pinta Ibn Bassam de Santarém que o atravessou desta sua cidade do Tejo para Sevilha, no século XI.

Ouçamos Ibn Bassam: «Quando estalaram ali (em Santarém) todas as coisas, no meio do terror e do tumulto, pus-me, precipitadamente, a caminho, com alguns companheiros. Percorri desertos nos quais o ouvido acusava de falsidade a vista e em que as calamidades que caíam sobre nós mantinham aterrorizados os nossos ânimos, desertos nos quais o próprio lobo morreria de fome e em que nem sequer voaria o corvo. Até que fui libertado como o é a Lua na última noite do mês e sai como sai a sorte no jogo dos dados»⁽¹⁾.

A população das cidades era relativamente escassa. A cidade mais populosa parece ter sido Silves, apenas com uns 15.000 habitantes⁽²⁾.

Quanto à raça, sabemos que, ao passo que o Algarve foi arabizado, sobretudo com tribos do Iémen estabelecidas na zona de Silves, o Alentejo foi berberizado.

A revolta de Xáquia, ainda no amirato dependente, denota-o claramente e confirma-o a escolha feita dessa região por Ibn Moguith, para a luta contra Abd'Ar-Rahman I.

Lisboa e Santarém tiveram berberes e árabes, em proporção de equilíbrio.

Entre os escritores notáveis de Lisboa figura um al-Coraixi, da tribo de Coraix a de Mafoma e um Masmudí, da tribo berber de Masmuda que por essas alturas evolucionava pelo Sudeste do Magreb Extremo.

Coimbra foi terra de moçárabes. Atesta-o não apenas a igreja moçárabe da Lourosa, não apenas a escolha de Sennando para Conde de Coimbra, mas ainda a documentação portuguesa em que surgem em amálgama, numerosos nomes godos arabizados.

O povo no Sul, na sua maioria, seguia o Islamismo quer se tratasse de árabes puros, de homens vindos nos exércitos de invasão, quer se tratasse de muladis ou indígenas convertidos à nova religião, adoptados.

(1) Ibn Bassam — Adh-Dhakhyra fi mahássan ahli al-Jazirati — Vol. I, Fasc. I, Ed. Cairo de Levi Provençal, pág. 8.

(2) É este o cómputo mais razoável, à base da documentação existente.